



Da criação de quadrinhos ao desenho de um projeto de pesquisa: um percurso de ciência, arte e saúde

Rachel Paterman

“Não cheguei aonde planejei ir. Mas cheguei, sem querer, aonde meu coração queria chegar sem que eu o soubesse.”

Rubem Alves

Quadrinhos da vida acadêmica

Este artigo trata da trajetória de conformação de uma pesquisa que possui como foco desenhos de humor e seus potenciais na abordagem do tema da saúde mental na pós-graduação. O projeto visa conhecer componentes relacionais de processos de adoecimento associados ao fazer acadêmico-científico e propõe, para tanto, coletar e analisar relatos de estudantes e orientadores de cursos de pós-graduação por meio da realização de oficinas dialógicas de CienciArte. Trata-se aqui de trazer para o campo das relações cotidianas do universo de pesquisadores um instrumental teórico-metodológico que reconhece na interseção de linguagens oferecida pela arte potencialidades investigativas, didáticas e terapêuticas (ARAÚJO-JORGE *et al*, 2018; ROOT-BERNSTEIN; ROOT-BERNSTEN, 2001; VENKATESAN; PETER, 2018).

O projeto faz parte das interlocuções intelectuais do Núcleo em Ensino, Cultura, Espiritualidade e Saúde (NECES/IOC/Fiocruz)¹ e vincula-se à minha trajetória profissional e pessoal como antropóloga, que é também quadrinista e arteterapeuta. Trata-se, em outras palavras, de um interesse sobre entrecruzamentos de linguagens e perspectivas disciplinares que caracteriza não apenas um projeto de pesquisa em si, como também o sujeito dessa pesquisa. É dessa forma que o presente texto contempla elementos de um relato de experiência classificável como de caráter autoetnográfico. Toma-se aqui um percurso individual como ponto de partida para a compreensão de um universo mais amplo de relações socioculturais, históricas e políticas (BOCHNER; ELLIS, 2000).

O enfoque autoetnográfico possui relação direta com a noção de reflexividade, em torno da qual gravitam abordagens que, em especial no caso de textos antropológicos, reconhecem a importância de se considerar e problematizar na escrita acadêmica o lugar do pesquisador (CLIFFORD; MARCUS, 1986). É desse modo que as presentes linhas são, antes de mais nada, redigidas na primeira pessoa: persegue-se como princípio uma escrita que mantenha e explicita laços entre a história das ideias de um projeto e o mundo objetivo e subjetivo de quem o elabora.

Afinal, o que se encontra em jogo são passos de uma pesquisadora que produz reflexões como uma *pessoa inteira*, e não como a mente estritamente racional positivada pela concepção cartesiana do fazer científico. Passos de uma autora que lida com emoções, imaginação e criatividade, e que permaneceram por algum tempo às margens do currículo lattes. Resta esclarecer também que se essa primeira pessoa se encontra no singular, e não no plural, isso não se deve a intenções de omitir a presença de outros atores na elaboração de uma pesquisa, muito pelo contrário: é porque ela é concebida justamente como ponto de encontro de várias interlocuções, no sentido mais literal e modesto do termo “protagonista”.

Seguindo direção semelhante, este artigo traz outra característica ainda incomum quando se fala de escrita científica, apesar de progressivamente

¹ O NECES/IOC/Fiocruz é um núcleo inscrito no repositório institucional de núcleos de pesquisa do CNPq, e no ano de 2022 compunha-se por um número total de 25 integrantes das mais diversas áreas de formação TRAJANO, 2022.

popularizada e incorporada ao longo dos últimos anos: a presença de desenhos relativos a histórias em quadrinhos, tiras de humor, cartuns ou, como veremos, quaisquer que sejam as múltiplas denominações de produtos das chamadas artes sequenciais. Em termos de construção textual, trata-se de lidar com imagens que impõem uma leitura à parte, desafiando o enquadramento como meras ilustrações, complementares à escrita e, portanto, subordinadas a ela.

Por esse caminho, é em termos de forma e conteúdo que aqui se pretende contribuir para discussões sobre os princípios da inter, trans e multidisciplinaridade, e interseções entre ciência, arte, ensino e saúde. De um lado, a forma acionando um decifrar de códigos não redutíveis ao das palavras escritas; de outro, o conteúdo de relato de trajetória, “costurando” os universos da pesquisadora e sua pesquisa e, por esse caminho, trazendo à superfície trânsitos por diferentes saberes, e problemas gerados pelas distinções fundantes de fronteiras disciplinares, como entre sujeito e objeto, e razão e emoção.

Assim, o relato em questão contribui para dar corpo a uma ideia frequente em discussões do NECES: de que é, antes de tudo, na *vida* que nós, pesquisadores, realizamos a almejada integração dos saberes, das linguagens e das abordagens fragmentadas pela razão cartesiana. Em suas rotinas e trajetórias particulares, os olhares disciplinares e, porque não, “disciplinados” que geram investigações de alto rigor científico se inserem em corpos e mentes que precisam a todo momento contestar fronteiras e lançar mão de múltiplas abordagens. Não é de hoje a constatação dos limites, para muito além das potencialidades, que tais divisões representam a construção do conhecimento. Como sugere Trajano (2022, p.16), vivemos tempos que impõem uma necessária renovação nos modelos de ensino e pesquisa, tornando oportuno desenvolver abordagens capazes de religar diferentes saberes.

Por sua vez, se a vida particular impele a busca ao ideal da integração de saberes, é também na vida *que não cabe no Lattes* que muitos pesquisadores experimentam efeitos indesejados das distinções do ideário cartesiano: tensões entre mente e corpo, razão e emoção, mundo subjetivo e experiência

objetiva, associando-se a impasses internos, geradores de diversas modalidades de sofrimento. Partes de nós são deixadas de lado quando pleiteamos fidelidade a tais rupturas, e quanto a ciência pode ganhar, mais que perder, com pesquisadores mais conscientes desses processos?

À semelhança de muitas pessoas que vim a conhecer, o tema da saúde mental de pesquisadores chegou primeiramente a mim pelas vias não intencionais de uma crise de ansiedade durante a escrita de tese. No entanto, o que de fato me despertou para seu tratamento investigativo foi a maneira como vim a conhecer seus contornos de problemática coletiva. Foi como artista, mais que como pesquisadora ou doutoranda em desespero, que pude constatar a recorrência de questões relativas a saúde mental no meio acadêmico, e conhecer algo dos debates a esse respeito.

Desde 2018, publico em mídias sociais tiras cômicas sobre mazelas da vida acadêmica na página intitulada Desorientanda – nas plataformas Instagram e Facebook, @desorientanda. São desenhos que tematizam múltiplas fontes de ansiedade de uma iniciante no mundo da carreira acadêmica, retratando bastidores feitos de bloqueio de escrita, precariedade laboral, conflitos interpessoais, contradições institucionais e desigualdades várias.

Conforme pretendo narrar, devo à recepção pública desses desenhos a intenção de abordar criticamente, por meio de uma pesquisa, as condições da produção de conhecimento acadêmico e científico. Os desenhos me introduziram a um universo de sofrimentos secretos e a inquietações envolvendo a constatação da natureza coletiva de tais problemas, em contraste com abordagens individualizantes. Posso dizer que graças à Desorientanda pude conhecer e ao mesmo incentivar mobilizações em torno de um certo *me too* do mundo acadêmico, para lançar mão de uma terminologia conhecida das relações midiáticas da contemporaneidade.

Inspirado por esse contexto de trocas, meu projeto de pesquisa em desenvolvimento no NECES parte da hipótese de que existe algo de específico na linguagem dos desenhos de humor, e esse “algo” parece ser produtivo na abordagem do tema da saúde mental e emocional entre pesquisadores de pós-graduação. Considera-se que um tal fazer ciência sobre fazer ciência pode se beneficiar da linguagem da arte no

que ela oferece de possibilidades de sensibilização, facilitando o acesso a sentimentos, sensações, e *insights* que nesse universo tendem a ser negligenciados em favor de uma “dedicação exclusiva” à lógica racional cartesiana. Decorre daí a proposta de colocar no centro da abordagem do universo investigado o contato com a expressão plástica.

Trata-se de ideias que venho elaborando teoricamente por meio de debates e leituras realizados no NECES – Root-Bernstein e Root-Bernstein, constituem aqui uma referência central – na época se começava a falar em memes –, em conjunto com reflexões e experiências de meu percurso com Arteterapia – outra dimensão biográfica, de uma vida que “não cabe no Lattes”, mas que produz efeitos na construção de uma pesquisa e necessariamente nos resultados que trazer. Nas próximas seções, mostrarei como cheguei às linhas que desenham este projeto. Começarei pela história da criação da página Desorientanda, com a origem de meus desenhos. Trarei em seguida elementos do processo de recepção assim como das interlocuções estabelecidas por intermédio dos quadrinhos. Por fim, proponho refletir sobre algumas discussões disparadas pelo relato de meu percurso como pesquisadora-e-quadrinista, apontando caminhos de sua conformação em pesquisa.

Da origem dos desenhos: existe vida após a Defesa?

“Desorientanda” foi o nome que improvisei para nomear a página voltada a publicar, nas mídias sociais, os quadrinhos que desenhei na época do doutorado. Era maio de 2018 e fazia alguns meses desde minha defesa de tese. A produção, então composta de não mais de vinte tirinhas, teve início em meados de 2015. Alguns motivos explicam a relativa demora para trazer a público tais desenhos, assim como a escolha de criar uma página na internet para tanto. Eles possuem relação direta com a conformação de um projeto de pesquisa sobre saúde mental na pós-graduação, e serão explicitados no decurso da narração da presente história – a história da criação mútua de uma autora e sua personagem. Nada mais adequado que trazer desde já o desenho com que inaugurei a página (Figura 1). Existe vida após a defesa?

Figura 1. “Existe vida após a defesa?”



Começemos com uma breve e necessária definição da *arte* que se encontra em questão: esse misto de criação plástica e literária que se convencionou nomear “nona arte” (CARNEIRO, 2023). Há quem conteste a definição de um desenho como o acima trazido como “*quadrinho*”: aproxima-se mais de um *cartum*, por trazer em um quadro único uma provocação da ordem dos costumes; distancia-se, por sua vez, da *charge*, mais atenciosa a um agora com viés político; e desafia definições de *arte sequencial* como as *tiras* (dois ou mais quadros) e os famigerados *quadrinhos*, produções mais extensas cobrindo desde revistas a livros, e regularmente equacionados ao termo *HQs* (histórias em quadrinhos) ou *gibis*.

Desde a criação de Desorientanda, digo que faço *quadrinhos*: de início, por ingenuidade e, atualmente, por licença poética. Há quem produza quadrinhos como *hobbie*, de forma amadora, mas há também quem o faça profissionalmente ou ainda quem se encontra em diferentes gradações entre esses dois pontos – como é o meu caso no momento. À semelhança

de muitos campos caracterizados pela informalidade e desprovidos dos mecanismos reguladores visíveis de atividades profissionais estabelecidas, o universo dos quadrinhos possui regras fugidias, em permanente negociação, sendo marcado por tensões sociais e disputas conceituais (BOURDIEU, 1987).

No caso do Brasil, historicamente distinto em relação ao contexto estadunidense, marcado pela sindicalização da profissão de cartunista em meados do século XX, não há consenso sobre definições como as trazidas anteriormente. Ao equacionar, no caso de Desorientanda, termos como quadrinhos, tirinhas e cartuns, eu, sua autora, tenho consciência e me utilizo das brechas dispostas pela malha frouxa desse campo de relações. Inspirando-me no trabalho de Sérgio Magalhães (2019), tomo como eixo para essa escolha, a despeito de maiores especificações formais, o compromisso com o humor.

Toda essa aura de indefinição “combina” com as origens da minha vida como quadrinista. À diferença do modo como artistas frequentemente narram suas autobiografias, não posso dizer que “desenho desde pequenininha”, nem tampouco que o interesse por quadrinhos possua vinculação direta com revistinhas lidas na infância. Não sinto, insisto em colocar, orgulho nessa confissão: lamento bastante não ter vivido na forma de aprimoramento técnico o amor pelo desenho, que sustento, sim, desde que me conheço por gente; ter deixado de lado a criatividade artística na escolha da formação universitária – iniciada na graduação em Ciências Econômicas e ter ignorado e subestimado, por muito tempo, o contato com desenhos de humor.

Em parte, por uma educação ligeiramente conservadora, aliada a determinada situação de classe, minha fase de afirmação de entrada na vida adulta postulou, como componente da esperada supressão de referenciais de “coisa de criança”, certa rejeição tanto à prática do desenho quanto à leitura de quadrinhos. A respeito desses últimos, não conhecia muitos, à exceção da Turma da Mônica. Observando retrospectivamente, também lembro a sensação incômoda que experimentava quando apareciam tiras em livros didáticos e provas de vestibular. Muito frequentemente, não

as entendia, não conseguia decifrar o que diziam, e o fato de se tratar de desenhos aparentemente simples me enchia de constrangimento: como assim não consigo entender esses “desenhos bobos”?

A aproximação ao mundo da nona arte ocorreu nos anos iniciais de 2010, e coincide com minha introdução ao universo aceleradíssimo das trocas das redes sociais e, não menos importante, com minha entrada na pós-graduação. Esta se deu no curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ (PPGSA/UFRJ), por onde também me doutorei, sempre sob orientação do Prof. Dr. José Reginaldo Gonçalves em pesquisas sobre memória, patrimônio e identidade no LAARES (Laboratório de Antropologia da Arquitetura e Espaços).

Por meio dos contatos de colegas de pós-graduação em redes sociais, passei a dar mais atenção aos desenhos de humor, que conformavam parte significativa dos conteúdos – os chamados *memes* – que compartilhavam. Tais desenhos apresentavam uma repercussão altíssima, demonstrada pelos números de curtidas e de seguidores em páginas especializadas. Nas interações dos bastidores da vida acadêmica, eles compunham a base descontraída das trocas de mensagem do lado de fora dos momentos de reunião, seminários e aulas. Agora era como uma nova necessidade de “vida adulta” que os cartuns apareciam na minha vida: havia um código para o qual não havia sido plenamente socializada, e era preciso aprender a decifrá-lo. De certa maneira, sentia que ser uma estudante de pós-graduação exigia isso de mim. Como uma criança mais nova diante de crianças mais velhas, sentia-me “de fora” por não compreender uma piada. Queria “rir junto”.

Foi basicamente em razão dessas trocas que passei a direcionar mais atenção à produção em questão. Os quadrinhos, sobretudo como conteúdo, se tornaram parte de minha rotina de pós-graduanda. E foi basicamente a curiosidade sobre uma linguagem desconhecida que me levou a direcionar novos olhos às produções mais consagradas do mundo dos quadrinhos. Assim fui aos poucos conhecendo Quino (Mafalda), Charles Schulz (Charlie Brown), Bill Waterson (Calvin e Haroldo), dentre outros, e reconhecendo, sob novos olhos, a Turma da Mônica.

Driblado o preconceito, pude – quem diria! – aprender muito sobre a vida com aqueles desenhos. Conforme viria a compreender, uma tendência comum organizava tirinhas como as apontadas: assuntos de alta complexidade encarnados em tramas singelas, envolvendo em muitos casos falas adultas por parte de personagens infantis. A magia da leitura provinha, no final das contas, da quebra da expectativa, uma fórmula básica do humor (BERGSON, 2001). Como resultado do progressivo ganho de intimidade com uma forma expressiva, passei aos poucos a fazer uso dos desenhos, do humor, e da combinação de ambos, em minhas próprias elaborações. Isso, já nos tempos de Doutorado, entre os anos de 2013 e 2017.

Poderia dizer que os desenhos apenas complementaram visualmente pequenas crônicas da vida cotidiana que costumava postar, na forma de textos curtos, nas mídias sociais que então acessava. Mas isso equivaleria a incorrer em uma artimanha de *ilusão biográfica* que, como sugere Bourdieu (1996), leva autores a controlar elementos de sua narrativa de vida a fim de conformá-los à coerência de um roteiro preferido. Foi, antes de mais nada, no domínio privado da escrita de diário que, as histórias em quadrinhos começaram a compor uma produção pessoal. Não exatamente o diário etnográfico – que a formação em Antropologia estimula como parte necessária da pesquisa –, mas o diário íntimo, praticado como recurso adjuvante em acompanhamento psicoterapêutico. Os desenhos começaram a aparecer especificamente nessa segunda modalidade de diário, não de pesquisadora, mas da “pessoa inteira” que tem o hábito de escrever para si mesma.

Um dos primeiros esboços em forma de tira surgiu de um momento de profunda dor. Em minha vivência como doutoranda, havia cometido um erro – *comi uma mosca!* – que, hoje, não me parece tão grave assim. Esqueci de citar uma referência importante em um trabalho de conclusão de uma disciplina. Não era sequer um manuscrito a ser publicado, mas a repreensão de quem o avaliou repercutiu em mim como um soco no estômago. Externei meu desconforto com

meu companheiro e uma ou duas amigas, que se solidarizaram e buscaram me consolar, mas nada, nada parecia contribuir para atenuar a sensação. Retirei-me por algumas horas para ficar em isolamento e silêncio, e, com a ajuda de lápis e papel, um roteiro se formou. Uma vez concluída a frase e montado o desenho, a forma final da tira me trouxe um alívio inenarrável (Figura 2).

Figura 2. “Ser doutoranda é ter um estômago constantemente perturbado / por todos os sapos que você deve engolir / a cada mosca que você come.” Tira criada em meados de 2015 e postada pela primeira vez em 2018.



Este foi talvez o desenho mais emocionalmente impactante que fiz, resultado de uma necessidade intensa de desabafar. Mas, nesses experimentos incipientes com quadrinhos, a verdade é que eu estava interessada em tudo o que me mobilizasse e trouxesse prazer de realização. Queria experimentar, com essa linguagem, uma nova forma de contar histórias. Fazer, sim, piadas – por que não? E me divertia nesse mundo dos desenhos: esboçando personagens, montando quadros e delineando balões de fala.

Passei a colecionar como matéria dessas criações as situações anedóticas que eu vivia como doutoranda, e que sabia que outras pessoas viviam também. Tirinhas sobre situações dramáticas de escrita – a folha em branco (Figura 3), as cobranças várias – remetem a essa época. Eram situações terríveis, mas que ganhavam uma aura diferente quando narradas no registro do humor. Às vezes me flagrava rindo sozinha, algo que vez por outra acontece. Culpa, ou mérito, da personagem: não lembro como cheguei a essa forma humana, apenas de uma escolha muito espontânea pelos olhos grandes e expressivos, além, é claro, da manutenção de um

traçado bem singelo, sem pretensão alguma de realismo. Em algum momento, finalizado o desenho definitivo da minha personagem, devaneei sobre analogias entre seu rosto “escorrido”, com olhos enormes, e a forma da planária. Achei bastante forte, simbolicamente, identificar um platelminto, bichinho tão rudimentar, ao – contém ironia – mais “iluminado” dos seres, o humano que cursa um doutorado.

Figura 3. “Que lindo dia / pra empacar numa folha em branco.”



Aos poucos, fui abrindo o “diário de quadrinhos” a pessoas próximas, e algumas passaram então a me estimular a postar nas redes essa produção. Nesse momento, a ideia me atraiu, mas com algum estranhamento. Além de não considerar meu desenho apto a circular na internet, o assunto me parecia muito heterodoxo. Estou tratando de algo de que não vejo ninguém falar, pensava. Mais ou menos nesse contexto, soube pela minha irmã de uma blogueira e quadrinista francesa que havia publicado um livro sobre suas vivências conturbadas de doutorado. Ele intitulava-se *Carnets de Thèse* e não tardou para que eu tivesse um exemplar em mãos, que devorei mesmo sem grandes noções de francês. O livro, composto como *HQ*, narra de maneira muito sutil o labirinto em que a personagem (e autora) se enredou em seu doutorado, cuja tese possui como foco a imagem do labirinto na obra de Franz Kafka (RIVIÈRE, 2015). A leitura surtiu em mim um efeito revolucionário: aquilo que eu fazia *existia*. Havia pessoas fazendo quadrinhos sobre as mazelas da vida acadêmica.

O ano era 2016, e depois do contato com o livro de Rivière, a ideia de colocar meus desenhos na rede foi se tornando irresistível, mas me via presa a um dilema: eu devia estar escrevendo uma tese! A entrega estava então prevista para o início de 2017, e o trabalho não dava mostras de progresso. Embora no domínio privado não escondesse as lágrimas e os risos que a situação estava me trazendo, a minha faceta pública, assim pensava, deveria ser exclusivamente a de uma pessoa “séria”. Eu era empenhada, responsável, disciplinada; não queria que colegas e professores desconfiassem da minha capacidade e fizessem julgamentos com base nos conteúdos descontraídos que viesse a colocar em minhas redes pessoais. “Se esses rabiscos circulam... o que vão pensar de mim?!”, pensava.

Na próxima seção, vou explorar tais receios à luz de outro contexto de elaborações discursivas, em que deixam de ser simples “vozes na minha cabeça” e passam a aludir ao ponto de vista de outras pessoas. O que importa agora é que eles fundamentaram a escolha de lançar minha página de quadrinhos apenas após a defesa de tese. Profundamente insegura sobre minha capacidade como profissional, me vi com grande necessidade de validação externa como “pessoa séria”, e passei a atribuir ao diploma esse elemento adicional de significação. Necessidade esta que, hoje assim entendo, só pode ter sido despertada pela intensificação da voz de uma autoria “outra”, a *artista* e *humorista* mantida à sombra daquela que na superfície e à luz do dia escrevia – ou não – sobre paisagem, identidade e transformações urbanas.

Vida acadêmica em quadrinhos: criação e recepção da página Desorientanda

A pessoa que decide seguir carreira acadêmica após obter o título de doutora se vê diante de uma série de desafios. Além dos mais conhecidos – transformar a tese em artigos, fazer concurso público, dar um jeito de pagar as contas –, precisava lidar com mais este: atender ao compromisso que estabeleci para mim mesma de publicizar minha produção paralela. O número de desenhos se ampliava, ainda mais agora, que não faltavam

novas situações para me inspirar (Figura 4). Eram muitas as questões em jogo. Desde as de caráter mais técnico – como tornar meus desenhos feitos a caneta Bic legíveis na tela do computador? – às persistentes inseguranças de minha reputação, com base nas quais julgava que meus desenhos poderiam me prejudicar.

Figura 4. Tira sobre concursos docentes: o “terror” da leitura de prova.



Minha irmã – a título de esclarecimento, tenho duas –, formada em Design, entrou em cena para ajudar nas questões da digitalização dos desenhos, e ganhei de brinde dicas sobre como melhorar sua qualidade visual com o uso de materiais e recursos técnicos adequados. Aos poucos, fui “limpando” as imagens, aprendendo a diagramar e a colorir pelo computador. Elaborei o texto descritivo da página, selecionei uma imagem mais marcante para o *perfil*, e só faltava nomeá-la. A solução a que cheguei foi o anonimato, e Desorientanda não era, digamos, a

melhor ideia; foi apenas um dentre outros nomes que considerei para simplesmente não colocar o meu (Figura 5).

Como parte das inseguranças já relatadas, havia o profundo receio de ofender meu orientador. A despeito de eventuais tensões de uma longa relação, ele sempre demonstrou, como bom intelectual, uma curiosidade vivaz sobre os mais diversos assuntos, aliada a um senso de humor admirável. “O humor ainda vai nos salvar” – era a fórmula que utilizava com frequência em interações descontraídas no laboratório. O anonimato durou pouco, contrariando minhas expectativas de controlar a impressão “terrível” que eu poderia causar nas pessoas, e tornando claro desde o começo que eu não era, nem provavelmente jamais serei, autora de humor, e sim apenas uma de suas vítimas.

Lançada a página no Instagram, precisei lidar com a surpresa de ter como primeiro seguidor – para além do robô “formatacao1real”, denunciando minha ignorância sobre como postar nessa plataforma – justamente, meu orientador. O algoritmo agiu impiedosamente associando Desorientanda ao meu perfil pessoal. Não havia escapatória. Ele “curtiu”, e o clima descontraído das reuniões de laboratório em nada se abalou, a não ser pelo fato de que meus colegas, já convertidos em “seguidores”, passaram a me reconhecer como artista.

Figura 5: Situação atual do perfil Desorientanda no Instagram (maio de 2023)



Conforme minha “persona quadrinista” ganhava corpo em interações cotidianas, fui me habituando a esperar reações de estranhamento e

a preparar respostas prontas para indagações sobre minha suposta *coragem*. Uma delas, que posteriormente integrei como um chavão em apresentações públicas, ganhando também a forma de uma tirinha, decorre de uma pergunta bastante frequente: “Você não tem medo de queimar filme?”. “Mas nem filme eu tenho”, é a fórmula que passei a repetir sempre. A resposta cômica, que leva ao limite a chamada síndrome do impostor – retornarei a esse ponto mais adiante –, reduz a zero o todo de uma produção curricular de mais de dez anos, e expõe a situação frágil e precária de uma doutora iniciante compensando-a pela via da arrogância.

De fato, no mundo “de fora” das interações da página, palavras educadas nem sempre disfarçavam as expressões de desconfiança envolvendo o contraste entre a erudição atribuída ao título de doutorado, e os “desenhos bobinhos” que eu fazia circular ao redor do meu nome. Por sua vez, no lado “de dentro”, a Desorientanda era apenas uma dentre inúmeras outras fontes de desenhos satíricos em circulação nas redes, apenas com o diferencial de falar especificamente sobre a vida acadêmica. Eu mesma ignorava todo um universo de novos quadrinistas, que fui conhecendo conforme recebia como retorno comparações relativas seja ao traço minimalista, seja ao enfoque cotidiano. Vale destacar, nesse caso, referências a Sarah Andersen (Instagram @sarahandersencomics) e Ana Oly (Instagram @fracasitos), sem contar, sobretudo nos atravessamentos com temas políticos, as tiras da Laerte.

Esse “lado de dentro” da recepção do meu trabalho, caracterizado por diversos elogios, gestos de incentivo, e muita interação, era o que contribuía para contrabalançar eventuais constrangimentos em torno da minha faceta “artista e humorista”. Para minha satisfação – agora eu já não podia voltar atrás, estes imprimiram uma marca incomparavelmente maior na totalidade mensurável do retorno sobre as publicações, quantificada por meio das famigeradas métricas das interações em tais plataformas. Poucas semanas após a criação da página, seu público somava um número consideravelmente superior ao de meus contatos pessoais; em questão de meses, o alcance de Desorientanda expandiu o suficiente para posicioná-la em um *ranking* do “estado da arte” dos quadrinhos de internet, que veio a

assumir contornos materiais de menções em páginas de renome, convites para produções coletivas, participações em feiras e em exposições.

O quesito quadrinhos “feitos por mulheres” desempenhou um papel crucial nesse processo, a partir do momento em que meus desenhos passaram a compor *posts* de divulgação de portais de grande público. Destaco nesse processo o perfil Mina de HQ – perfil e *site* [instagram.com/minadehq](https://www.instagram.com/minadehq) e minadehq.com.br –, voltado para a divulgação de quadrinhos produzidos por mulheres cis e trans como parte da instauração de uma cultura de quadrinhos mais plural. Isso, dentre outras diversas páginas de divulgação científica, também contribuiu para o processo de ampliação de público dinamizado pelas ações de engajamento recíproco que caracterizam o universo sociotécnico das plataformas digitais.

Por sua vez, a recepção dos quadrinhos divulgados em minha página não era composta apenas de *curtidas* e reações bem-humoradas. Em várias ocasiões, recebi comentários e relatos de identificação que como um todo foram despertando em mim questões relativas aos limites do caráter anedótico daquelas experiências. Foi se tornando claro que muito das situações retratadas não diziam respeito apenas a mim, e mais que isso: que talvez houvesse saída para problemas mais sérios, se ao menos pudessem ser expostos e discutidos de modo que fossem coletivamente identificados como, de fato, problemas. Em trocas estabelecidas via *chats privados*, fui experimentando algo como a formação de discretas redes de apoio, caracterizadas pela troca de conselhos e de mensagens várias de incentivo e de consolo.

Algumas tirinhas exerceram um impacto mais notável a esse respeito, contribuindo para imprimir na página contornos de um espaço de partilha e acolhimento de experiências dolorosas ligadas à pós-graduação. Uma delas foi a dos “sapos no estômago”, apresentada anteriormente; outra é a que associa ao chamado fenômeno da “síndrome da impostora”, que na atualidade leva muitas pessoas, sobretudo mulheres em posições de poder ou prestígio (SÍNDROME..., 2021), a duvidar das próprias capacidades suspeitando de si mesma como fraudes (Figura 6).

Figura 6. Uma tira sobre a “síndrome da impostora” – postada em 2019.



Participações em eventos acadêmicos e o desenho de um projeto

Em um processo de descoberta e construção mútua, fui conhecendo e ao mesmo tempo dando a conhecer elementos para refletir criticamente sobre as dificuldades da carreira na academia. Com alguma frequência, passei a receber, e a repassar, indicações de leituras e páginas sobre assuntos análogos, que como um todo evidenciavam a existência de uma problemática coletiva atuando acima e por meio de anedotas individuais. Destaco nesse ponto as conversas com a Profa. Karina Kuschnir (DAC/IFCS/UFRJ) que, além de seu reconhecido trabalho com atravessamentos entre desenho e etnografia, integra por meio de seu *blog* pessoal e mídias digitais discussões sobre experiências subjetivas do fazer acadêmico

(AULA 4..., 2020). Karina incentivou-me tanto no universo dos usos antropológicos do desenho, como meio de observação e reflexão, quanto em um modo de se relacionar com as interações *on-line* guiadas por perspectivas de criação de laços de apoio recíproco (KUSCHNIR, 2012; 2016).

Em finais de 2019, soube “graças à Desorientanda” de um grupo de trabalho voltado a discutir dificuldades de escrita em um congresso latino-americano de Antropologia (PATERMAN; VAZ, 2020); mais ou menos na mesma época, descobri a existência de outra quadrinista da vida acadêmica, com quem vim a estabelecer amizade e parceria profissional: a bióloga e psicóloga Melina Vaz. Melina é autora do livro *Diário de um doutorado* (VAZ, 2022), produção independente que combina texto e desenhos de humor com base em um capítulo sobre os bastidores de sua vida de doutoranda que, em sua banca de defesa, não foi autorizado a compor sua tese. Na mesma época que eu, e sem que soubéssemos uma da outra, Melina também postava desenhos sobre a vida de doutoranda. Narramos nosso processo de descoberta mútua e os projetos realizados em conjunto desde então, no Zine Academicomics, projeto editorial que lançamos juntas em 2022.

Aos poucos, toda essa atmosfera de questionamentos e reflexões compartilhadas que comecei a experimentar por meio das tirinhas foi assumindo a forma de uma nova entrada no mundo acadêmico, como parte de um processo maior de renovação de minhas próprias possibilidades de atuação profissional. Ingressei em uma nova formação, de Arteterapia, em grande parte em razão das vivências de partilha desencadeadas em torno de desenhos. Desde 2017, a Arteterapia integra o corpo de Práticas Integrativas Complementares em Saúde (Pics). Fiz o curso no Claudia Brasil Ateliê, em conformidade com as regras estabelecidas pela AARJ e UBAAT, associações que concentram as regulamentações sobre o ofício em âmbitos estadual e federal, respectivamente.

Um diferencial do curso é a forte inspiração nas ideias da Dra. Nise da Silveira sobre qualidades terapêuticas das práticas expressivas (SILVEIRA, 1981). Assim como outras técnicas de produção

plástica, o desenho pode ser concebido como um mediador eficaz na conscientização de questões inconscientes, dando materialidade a emoções e, por esse caminho, favorecendo processos de autoaceitação e autoconhecimento. Em meus primeiros passos como arteterapeuta, venho conhecendo e construindo caminhos para não apenas refletir como também lidar de forma ativa com processos de sensibilização, despertados pelo contato com a expressão artística, e o que podem trazer em termos de autoconhecimento para subjetividades individual ou coletivamente. Devo a esse contexto de busca de compreensão de um fenômeno assim descoberto – o caráter coletivo dos sofrimentos de pós-graduação – o interesse em articular arte, ciência e saúde como um projeto investigativo.

Alguma produção acadêmica testemunha esse processo, e dou especial destaque ao evento promovido em 2021 pelo Centro de Apoio ao Discente, da Coordenação-Geral de Ensino da Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação da Fundação Oswaldo Cruz (CAD/CGE/VPEIC/Fiocruz), em interlocução com a Associação de Pós-Graduandos da mesma instituição (APG-Fiocruz). Fui convidada pela psicoterapeuta Isa Carvalho, a partilhar sua apresentação a convite da Profa. Dra. Etinete Gonçalves, coordenadora do CAD. A ideia era trazer minhas tirinhas como parte de um bate-papo “mais descontraído”, com estudantes, sobre saúde mental na pós-graduação (DESORIENTEI!..., 2021). A ocasião contribuiu para evidenciar a potencialidade do apelo ao humor na abordagem do tema: foram muitos os depoimentos suscitados pela seleção de tiras apresentadas, ainda com o acréscimo de uma tira com “balões em branco”, que foram preenchidos virtualmente por participantes.

Apenas alguns meses distanciam essa experiência de minha entrada no NECES, núcleo de pesquisa dedicado a experimentos inter, multi e transdisciplinares envolvendo interseções entre ciência, arte e espiritualidade na abordagem da saúde. Integrante do Núcleo, Etinete me apresentou à Profa. Dra. Valéria Trajano, líder do grupo, que me incentivou a desenvolver minhas reflexões na forma de um projeto de pesquisa a ser

apresentado e discutido entre os demais integrantes. Ao longo do ano de 2022, fui então conhecendo as pesquisas do grupo, e desenvolvendo, sob supervisão da Profa. Valéria, um projeto voltado à saúde mental no meio acadêmico e, mais precisamente, nas particularidades do contato com a arte na abordagem desse tema.

Embora orientado em conformidade com perspectivas que desafiam fronteiras disciplinares, o projeto lida com uma questão por excelência antropológica, apresentando vínculo com minha formação de cientista social: trata-se da questão relativa à natureza coletiva de um problema que tende a ser abordado por um viés individualizante. Algo a respeito do sofrimento mental de estudantes e orientadores é que, no plano privado de interações corriqueiras, ele não parece ser nada estranho no mundo da pós-graduação. Não por acaso, Desorientanda ganhou “adeptos” com alguma facilidade e rapidez. O que parece, no entanto, ser ainda amplamente desconhecido é o olhar capaz de transgredir os limites do individual, e mesmo do anedótico, para explorar o problema não nas qualidades específicas das pessoas que sofrem, por exemplo, ao escrever, e sim nas estruturas institucionais em que elas desenvolvem seus sintomas. Como é o universo da produção de conhecimento científico do ponto de vista das relações sociais que o constituem? O que acontece nesse cotidiano de relações?

Decorre da atenção sobre tais perguntas o interesse na obtenção e análise de relatos sobre essa vida cotidiana do meio acadêmico. Por sua vez, nesse desenho de projeto o uso da linguagem dos quadrinhos possui um lugar de destaque: ele se situa em sua hipótese e direção metodológica, como uma maneira produtiva de desencadear relatos como os procurados. No que concerne à hipótese, tal como venho constatando mediante experiências com quadrinhos fora e dentro de interlocuções acadêmicas, há algo de específico nessa linguagem que parece ter a qualidade de facilitar partilhas sobre receios, inseguranças e frustrações individuais. Em razão das trocas estabelecidas no NECES, vim a conhecer um referencial teórico-metodológico profícuo ao aprofundamento dessa reflexão, destacando-se trabalhos da chamada Graphic Medicine, que discutem propriedades terapêuticas dos quadrinhos mostrando como

podem favorecer experiências de empatia e pertencimento comunitário em casos de sofrimentos socialmente invisíveis (VENKATESAN; PETER, 2018).

Remeto às mesmas interlocuções o contato com as ideias do casal Michelle e Robert Root-Bernstein (2001), que exploram zonas de contato entre modos de pensar de cientistas e artistas. Segundo suas elaborações, ambos colocam em operação as mesmas funções cognitivas de modo que a linguagem da ciência apresenta muito mais elementos em comum com a da arte do que costuma se supor. Decorre daí que atributos como imaginação e intuição, convencionalmente recusados como distantes e contraditórios em relação à racionalidade cartesiana, se fazem, sim, presentes, em muito da produção científica.

Em termos metodológicos, atravessamentos entre ciência e arte ganham em meu projeto de pesquisa a forma da proposta de oficinas dialógicas de expressão artística. São oficinas que se caracterizam como “uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir” (PAVIANI; FONTANA, 2009, p. 68) e pela prática dialógica (ARAÚJO-JORGE *et al*, 2018; FREIRE, 1996). Outro aspecto importante de tais oficinas consiste no uso investigativo da arte como meio de obtenção de dados de análise (LEAVY, 2009; MCNIFF, 1998), aqui associado aos potenciais que exhibe na mobilização de sentimentos, sensações, memórias e reflexões envolvendo os mencionados processos de identificação e empatia. Como resultado, a realização de oficinas prevista pelo projeto propõe catalisar uma produção discursiva composta de relatos do público em questão.

O projeto foi aprovado e se encontra em desenvolvimento; espera-se que por meio dele o debate sobre saúde mental no meio acadêmico ganhe maior projeção e aprofundamento, estimulando uma “desorientação” por caminhos inter e transdisciplinares que favoreçam novos diálogos e acordos no universo social da construção do conhecimento, de modo que este não repercuta em efeitos prejudiciais na vida de estudantes e orientadores de pós-graduação.

Algumas considerações

Gostaria de encerrar esta trajetória biográfica em torno de um projeto de pesquisa comentando um elemento que atravessa meu relato sobre a criação da página Desorientanda: o medo de me expor. Longe de se referir apenas a mim, ele corresponde – conforme vim a constatar, sobretudo, como quadrista – ao ponto de vista de muitas pessoas em relação à vida acadêmica. É algo que inclusive talvez soe óbvio a quem está lendo as presentes linhas. Seguindo caminhos clássicos do pensamento antropológico, convido você, agora, a um estranhamento do que lhe é familiar (VELHO, 1978): por que, como pesquisadora, devo esconder minhas inseguranças? Por que não deixar que outras pessoas saibam dos medos, das tensões, das dúvidas, inseguranças, que acompanham um processo, tão respeitado socialmente, de ampliação de conhecimento? Por que cientistas devem se envolver por uma roupagem de certezas – se é justamente de incertezas, de dúvidas, de ignorância, no final das contas, que são feitas as questões, os projetos, e as descobertas científicas?

Retomo, para tanto, a fórmula do “Você não tem medo de queimar filme?”. Quem hoje se encontra ambientado nas tecnologias digitais talvez já não rememore a origem empírica dessa expressão, que se refere à fotografia em câmeras analógicas. Esta costumava ser *revelada* por meio dos rolos de negativos, os *filmes* em que ficavam registradas. O negativo deveria ser mantido protegido da claridade; seu compartimento, aberto somente no momento da revelação, em ambiente completamente escuro. Do contrário, a menor centelha de luz poderia queimar um rolo inteirinho, comprometendo todas as fotos a uma só vez. *Queimar o filme* fala sobre consequências indesejadas de se trazer algo secreto à luz do dia.

Ao contrário da resposta que vim a padronizar, eu tenho, sim, bastante medo de queimar o filme. Não duvido que, com meu humor, possa ter queimado o meu. Por outro lado, o contato com o campo problemático proporcionado por esse risco – e é possível *arriscar* tantas metáforas com a palavra *risco* por aqui! – me ajudou a construir um novo olhar, menos interessado no tema do controle de reputação do que nos condicionantes

estruturais que nos obrigam a esconder determinados aspectos de nós mesmos e privilegiar outros.

Parece-me oportuno trazer aqui contribuições de crítica feminista que vinculam a elementos do capitalismo patriarcal o ambiente de notável hostilidade e competição que caracteriza muito do universo social da pesquisa científica. Débora Diniz convida para direcionarmos à síndrome da impostora – o uso do feminino é defendido pela autora diante da predominância exibida pelo gênero em levantamentos sobre o assunto – um olhar interessado menos em sintomas e sofrimentos individuais do que sobre as estruturas marcadamente misóginas de ambientes acadêmicos (SÍNDROME..., 2021).

Em diálogo com autoras como Isabelle Stengers e Donna Haraway, Maria Puig de la Bellacasa recupera de Virginia Woolf uma problematização radical sobre o pensamento dominante tal como ensinado nas universidades de seu tempo. “Para onde está nos levando a procriação dos filhos dos homens educados?” (WOOLF *apud* BELLACASA, 2014), questionava a escritora, como parte de um apelo para o modo peculiar com que mulheres sempre teriam elaborado seu pensamento para fora dos domínios públicos e institucionais então predominantemente masculinos. Segundo Virginia Woolf, a guerra – contexto de sua fala – era algo que simplesmente não fazia sentido, que, por excelência, pertencia ao mundo de homens engajados em violentos jogos de competição e rivalidade, e assumia lógica e relevância em debates acadêmicos apenas por se tratar de um ambiente predominantemente composto por eles.

Não parece inadequado aproximar tal debate ao que se encontra aqui em jogo, e trouxe algo dessas provocações em uma roda de conversa sobre desafios da vida acadêmica, para a qual minha personagem foi convidada (PATERMAN, 2022b). De fato, remeto a experiências desencadeadas pela página Desorientanda todo esse conjunto de trocas discursivas, e mesmo o contato com uma bibliografia que então desconhecia, e que se situam no embasamento de uma investigação antropológica sobre dificuldades da carreira universitária.

Como vim a colocar em meu projeto, é preciso aprofundar o ambiente social, cultural e histórico em que se inscreve o fenômeno da saúde – ou falta de saúde – mental na pós-graduação, objeto de crescente interesse em debates científicos e públicos, reunindo desde artigos a produções midiáticas (DEPRESSÃO..., 2018, EVANS, 2018, THE CHAIR, 2021, OLIVEIRA, T. G. de, 2022, PARADOJAS..., 2020). Dito de outro modo, reconhecer e desbravar como parte de uma problemática coletiva um mal-estar vinculado ao mundo específico do fazer ciência – mal-estar este naturalizado e pouco questionado, que repercute desde em processos como os de bloqueio de escrita (CRUZ, 2020) a sintomas emocionais mais graves.

A história de Desorientanda é de certa forma a história de uma face oculta da vida de pesquisadores que é trazida à tona. Minha personagem é a eterna iniciante que comete erros, deslizes, se atrapalha, passa vergonha e raiva, e tem muitas inseguranças e medos. Aspectos que não gerariam identificação se não fossem comuns, mas que permanecem velados por uma aura de segredo. Parece haver chegado a hora de perguntarmos sobre a real importância desse segredo, que talvez cumpra uma função ritual de reproduzir o mito do pesquisador neutro, dotado de uma mente exclusivamente racional que se abstrai e friamente se distancia de tudo, sem confusões entre subjetivo e objetivo, entre pessoal e impessoal, privado e público.

Gostaria, a esse respeito, de trazer aqui algumas palavras de um pensador considerado clássico na Antropologia, Evans-Pritchard. Em um texto dos anos 1950, ele já falava que é sempre como um “indivíduo inteiro que o etnógrafo vai a campo”, e que “seus caminhos (...) se fazem necessariamente acompanhar por emoções e afetos”. Afinal, segundo sugere, na medida em que “nosso objeto de estudo são os seres humanos, tal estudo envolve toda a nossa personalidade – cabeça e coração” (EVANS-PRITCHARD, 2005, p. 244). Trata-se, é claro, de apenas uma referência, em meio a tantas que vêm contribuindo para questionar as cisões que aqui se encontram em questão. “Cabeça e coração”, mente e corpo, razão e emoção, são muitas das derivações da separação entre sujeito e objeto – que não possuem, como modelo, qualquer sentido ou relevância em outras culturas que não a ocidental e moderna, e cujos

efeitos prejudiciais para a humanidade permitem que sejam contestadas em termos de sua real validade na produção de conhecimento (LATOURET, 1994; MORIN, 2002; INGOLD, 2011; TRAJANO, 2022).

Algo que ecoa nas reações que venho “coleccionando” sobre minhas tiras desde que as trouxe ao mundo, é que para algumas pessoas os custos dessas cisões podem ser especialmente altos quando atingem suas dinâmicas internas de policiamento sobre o que devem ou não ser, ou *parecer ser*, como pesquisadoras – essa avaliação íntima sobre a intensidade de exposição que nossos filmes particulares são capazes de tolerar. Quais são as regras que definem esses limites, quem as decidiu, quem fica de fora, como podem ser negociadas e com que efeitos – são algumas questões que vêm ocupando minha mente e *meu coração* nessa trajetória misturada de pesquisadora, quadrinista e arteterapeuta, com que espero contribuir para enriquecer um necessário debate no meio acadêmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO-JORGE, T. C. de *et al.* CienciArte© no Instituto Oswaldo Cruz: 30 anos de experiências na construção de um conceito interdisciplinar. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 70, n. 2, p. 25-34, Abr. 2018.

BELLACASA, M. P. Think We Must! Notes from Academia Inc. **Sophia**, Bruxelles, 2014.

BERGSON, H. **O riso**: ensaio sobre a significação do cômico. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

BOCHNER, A; ELLIS, C. “Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity.” In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (org.). **Handbook of qualitative research**, Thousand Oaks: Sage, 2000.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; ARMANDO, J. (org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

CARNEIRO, M. C. Tá, mas será que é quadrinho? **Mina de HQ**, Florianópolis, fev. 2023. Disponível em: <https://minadehq.com.br/ta-mas-sera-que-e-quadrinho/>

CLIFFORD, J.; MARCUS, G. (org.). **Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography**. Berkeley: University of California Press, 1986.

CRUZ, R. N. **Bloqueio da escrita acadêmica: caminhos para escrever com conforto e sentido**. Belo Horizonte: Artesã, 2020.

CRUZ, R. N. Becker e o silêncio sobre a escrita na pós-graduação: soluções antigas para o cenário brasileiro atual? **Psicologia & Sociedade**, 30, 2018.

CRUZCLIFFORD, J. & MARCUS, G. (orgs.). **Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography**. Berkeley: University of California Press, 1986.

DEPRESSÃO na pós-graduação: é preciso falar sobre isso. **ANPG**, São Paulo, 14 set. 2018.. Disponível em: <http://www.anpg.org.br/14/09/2018/depressao-na-pos-graduacao-e-preciso-falar-sobre-isso/>. Acesso em: 4 set. 2023.

DESORIENTEI! Um bate-papo sobre saúde mental na pós-graduação. Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz, 2021.

AULA 4: Karina Kuschnir – Escrita e adoecimento acadêmico. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (60 min). Publicado pelo canal Rosana Pinheiro-Machado . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZwvwC2ZHdFg>. Acesso em: 4 set. 2023.

EVANS, *et al.* Evidence for a Mental Health Crisis in Graduate Education. **Nat Biotechnol**, v. 36, p. 282-284, 2018. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/nbt.4089>. Acesso em: 4 set. 2023.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

INGOLD ,T. **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. London: Routledge, 2011.

KUSCHNIR, K. Desenhar para conhecer: desenhando cidades. In: SEMINÁRIO CONVERSAS DE PESQUISAS. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

KUSCHNIR, K. A Antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. **Cadernos de Arte e Antropologia**, Uberlândia, v. n. 2. 5-13, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/1095>. Acesso em: 4 set. 2023.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: ensaios de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LEAVY, P. **Method Meets Art: Arts-Based Research Practice** 2nd.. ed. New York: The Guilford Press, 2009.

MAGALHÃES, S. **O processo criativo dos desenhistas de humor à luz das treze categorias cognitivas de Robert Root-Bernstein & Michèle Root-Bernstein**, 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino em Biociências e Saúde) – Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde, Rio de Janeiro, 2019.

MCNIFF, S. **Trust the Process: An Artist's Guide to Letting Go**. Boston: Shambhala, 1998.

MORIN, E. Jornadas Temáticas – **A religação dos saberes**: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 2002.

PATERMAN, R. **Cultura e Patrimônio**: debates de temas e conceitos e transposição de saberes – Como fazer memes, tirinhas e histórias em quadrinho. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2020.

PATERMAN, R. Prefácio. In: VAZ, A. M. **Diário de um doutorado** In: JORNADA DISCENTE DO PPGICS: “VIDA ACADÊMICA E O OFÍCIO DA PESQUISA: DESAFIOS, PERSPECTIVAS E PERRENGUES”, 4., 2022, Rio de Janeiro. **Anais [...]** São Paulo: Ed. da Autora, 2022a.

PATERMAN, R. As trajetórias por trás da pesquisa: conversa sobre as vivências acadêmicas In: JORNADA DISCENTE DO PPGICS: “VIDA ACADÊMICA E O OFÍCIO DA PESQUISA: DESAFIOS, PERSPECTIVAS E PERRENGUES”, 4., 2022, Rio de Janeiro. **Anais [...]** PPGICS/ICT/Fiocruz. Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz, 2022b.

PATERMAN, R.; VAZ, M. **Vida acadêmica em quadrinhos**: desenhando e refletindo sobre dificuldades de escrita. 2020. Trabalho apresentado no VI Congresso ALA. Simposio Dificuldades e possibilidades da escrita acadêmica, Eje 3 - Antropología, educación y formación antropológica. Montevideo, 2020.

PALESTRA. | Saúde mental e o bloqueio da escrita na Pós-graduação. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (125 min). Publicado pelo canal UFPR TV. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=S_ZqLekL3tY. Acesso em: 4 set. 2023.

PAVIANI, N. M. S; FONTANA, N. M. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Revista Conjectura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, maio/ago. 2009.

RIVIÈRE, T. **Carnets de Thèse**. Paris; Éditions du Seuil: Paris, 2015.

ROOT-BERNSTEIN, R., ROOT-BERNSTEIN, M. **Centelhas de gênios**: Como pensam as pessoas mais criativas do mundo. São Paulo: Nobel, 2001.

SILVEIRA, N. da. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

SÍNDROME da impostora. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (19 min). Publicado pelo canal Anis - Instituto de Bioética. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rsR1cESByLg>. Acesso em: 4 set. 2023.

TRAJANO, V. Ensino, cultura, espiritualidade e saúde: desafios, interfaces & perspectivas. In: TRAJANO, V., GONÇALVES-OLIVEIRA, J (orgs.). **Ensino, cultura, espiritualidade e saúde**: desafios, interfaces & perspectivas. Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2022.

VAZ, A. M. **Diário de um doutorado**. São Paulo: Ed. da Autora, 2022a.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VENKATESAN, S.; PETER, A. M. 'I Want to Live, I Want to Draw': The Poetics of Drawing and Graphic Medicine. **Journal of Creative Communications** , v. 13, n. 2, p. 104-116, 2018. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/home/crc>. Acesso em: 4 set. 2023.

WEBSÉRIE no Mundo da Luna: Vida acadêmica, pra rir e chorar. Entrevistadores: Melina Vaz, Umbelino Neto e Lucelmo Lacerda. Entrevistada: Rachel Paterman. [S. l.: s. n.], 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/75n8LDaNoNed4WmIMLvOam>. Acesso em: 4 set. 2023.

DEMAIS REFERÊNCIAS:

OLIVEIRA, T. G. de. O desmonte e o mal-estar da produção científica. **Outras Palavras**, São Paulo, 10 maio 2022. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-brasileira/o-desmonte-e-o-mal-estar-da-producao-cientifica/>. Acesso em: 4 set. 2023.

PARADOJAS del nihilismo, La Academia. Chile: Pliegue, 2020. 6 vídeos (129 min). Publicados pelo canal Producciones Pliegue. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PL4lqK3aTjHowYI6xL6ewZ1MrudErMerUt>. Acesso em: 4 set. 2023.

THE CHAIR. Direção: Daniel Day Longino. Produção: Tyler Romary e Hameed Shaukat. 6 episódios (180 min), widescreen, color. EUA: Netflix, 2021.